

MORTOS DE FAMA

CLEÓPATRA E SUA VÍBORA



de Margaret Simpson
Ilustrações de Philip Reeve
Tradução de Eduardo Brandão

10ª reimpressão

SÉQUINTE

O selo jovem da Companhia das Letras



Copyright do texto © 2000 by Margaret Simpson
Copyright das ilustrações © 2000 by Philip Reeve

O selo Seguinte pertence à Editora Schwarcz S.A.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original:
Cleopatra and Her Asp

Preparação:
Márcia Copola

Revisão:
Renato Potenza Rodrigues
Beatriz de Freitas Moreira
Mariana Zanini

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Simpson, Margaret, 1951 –
Cleópatra e sua víbora / Margaret Simpson; ilustrações
de Philip Reeve; tradução de Eduardo Brandão. — São Paulo:
Companhia das Letras, 2002.

Título original: Cleopatra and her asp
ISBN 85-359-0247-3

1. Cleópatra – Literatura infantojuvenil I. Reeve, Philip.
II. Título.

02-2201

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Cleópatra: Literatura infantil: 028.5
2. Cleópatra: Literatura infantojuvenil: 028.5

2013

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP — Brasil
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Composição: Américo Freiria
Impressão: Geográfica

A marca FSC® é a garantia de que a madeira utilizada na fabricação do papel deste livro provém de florestas que foram gerenciadas de maneira ambientalmente correta, socialmente justa e economicamente viável, além de outras fontes de origem controlada.

SUMÁRIO

Introdução	5
Os ancestrais da Cleo	8
A família da Cleo	19
Safras ruins e vizinhos poderosos	32
A rainha Cleo	51
César e Cleópatra	74
Cleo e Roma	93
Em casa, sozinha	108
Antônio e Cleópatra	121
Antônio vai à guerra	142
Antônio e Cleo versus Roma	161
Depois de Cleópatra	189





Cleópatra foi a última rainha do Egito. Morreu há mais de dois mil anos, mas vai ser para sempre uma morta de fama! Desde os tempos dos romanos todo mundo tem alguma coisa a dizer sobre ela...



Nada disso! Cleópatra não tinha nada de especial como mulher — era até meio baixinha e gorducha —, mas era in-

teligente de matar. Falava nove línguas, escreveu livros e tornou seu país um país rico. E, acima de tudo, conseguiu sobreviver à sua própria família — todos foram uns mortos de fama pela maneira como se mataram uns aos outros!

Quando subiu ao trono, tinha apenas dezenove anos! Reinou por 21 anos com a ajuda de dois namorados muito bem escolhidos: os RSS (Romanos Superpoderosos) Júlio César e Marco Antônio. Mas o maior amor da vida dela foi, provavelmente, seu país, o Egito. Você vai conhecer a rainha corajosa, brilhante, implacável — e, sim senhoras, rica e charmosa ainda por cima — que era a Cleo.

No fim, Cleo não tinha mais nenhum RS para protegê-la. Achou que era melhor morrer do que viver como prisioneira dos romanos, então vestiu sua mais linda roupa, pôs a coroa na cabeça e se matou...



A “Viperina” vai lhe revelar como era a vida no Egito, e nas páginas de *O Centurião* você vai conhecer o ponto de vista dos romanos. Também vai ficar por dentro do que se pichava nos muros do Egito e bisbilhotar o diário secreto da Cleo. Logo, logo você vai saber tudo sobre a Cleo e sua víbora egípcia.



VIPERINA

O que é uma víbora?

Uma víbora é uma cobra — pequena e venenosíssima. A víbora egípcia dilata o pescoço quando alguém a irrita e aparece na coroa de muitos deuses e reis do Egito. Cleo sempre usava uma coroa viperina nas ocasiões importantes.



Por que uma víbora?

Ninguém tem absoluta certeza, mas parece que os reis do Egito antigo tinham todo tipo de poderes mágicos, inclusive o de domar e encantar serpentes. Uma víbora mostrando a língua na coroa era uma boa forma de lembrar aos inimigos que a cobra estava do lado do rei. De arrepiar!



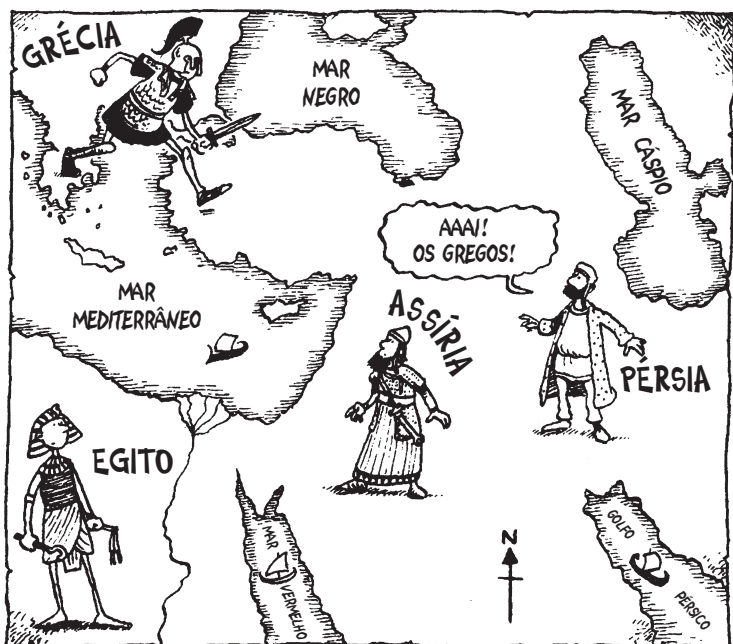
OS ANCESTRAIS DA CLEO

Cleópatra era rainha do Egito, mas não era propriamente egípcia. Pertencia à família Ptolomeu, e os Ptolomeus eram naturais da Macedônia, hoje parte da Grécia. Na verdade, fazia trezentos anos que a família da Cleo vivia no Egito, mas para os egípcios trezentos anos não era nada. Os Ptolomeus ainda eram gente nova no pedaço.

O Egito tinha sido uma grande civilização milhares de anos antes de a Cleo virar rainha. Tanto é verdade que já em 3000 a.C. — talvez até antes disso — os faraós ou reis egípcios haviam construído as pirâmides, além de enormes e misteriosos templos para seus deuses. Grana é que não lhes faltava. O Egito era o país mais rico do mundo e o centro de um vasto império.



Mas, lá por 1000 a.C., o Egito dos faraós, enfraquecido, foi conquistado primeiro pelos assírios, depois pelos partos. E em torno de 330 a.C. outra grande civilização começava a conquistar o mundo: a dos gregos.



Os gregos eram liderados por um dos mais famosos generais da história: Alexandre Magno. Alexandre adorava guerrear e conquistar. Não fazia outra coisa. O Egito foi apenas um dos países que ele conquistou, mas foi sua maior conquista. Os reis do Egito podiam estar enfraquecidos, mas o Egito ainda era um país riquíssimo.

Os gregos conquistadores eram campeões em matéria de meter a mão na riqueza alheia. Também surrupiaram algumas ideias religiosas dos antigos egípcios. Acharam ótima, em particular, a ideia dos reis-deuses.

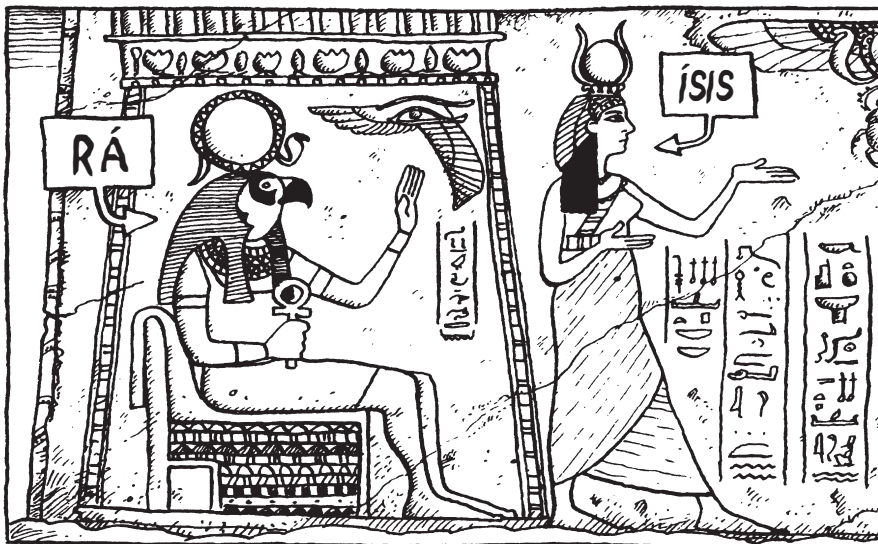
Deuses e deusas egípcios

Os egípcios tinham centenas de deuses e deusas. Aqui estão os quatro mais importantes:

Rá era o deus-sol, o paizão de todo mundo, pai de todos os faraós também. Tinha cabeça de falcão e corpo humano. Na cabeça, o Sol e aquela víbora sagrada que cospe chamas para matar os inimigos. Uma lenda diz que ele nascia todas as manhãs como criança e morria velhote todas as noites.

Osíris e Ísis eram gêmeos, filhos do Céu e da Terra. Apaixonaram-se um pelo outro antes mesmo de nascer e, quando cresceram, se casaram.

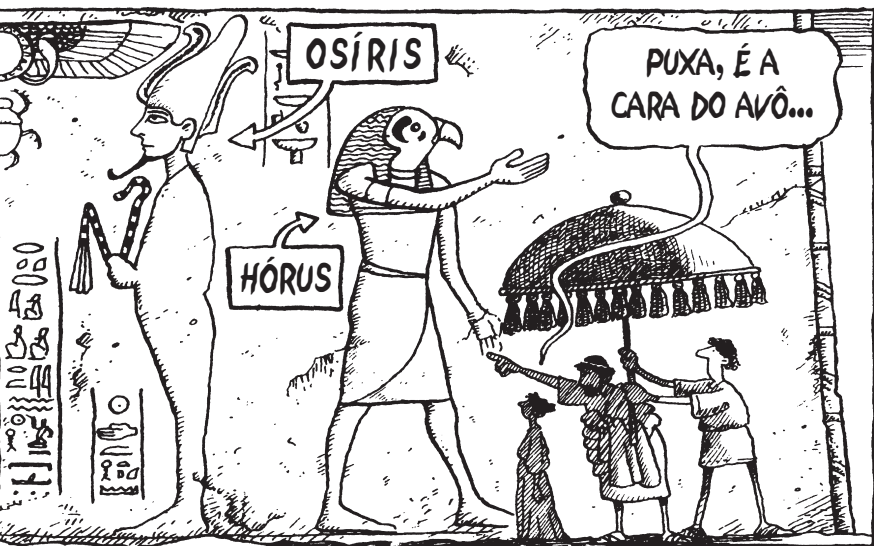
Osíris era o próprio Bom-Moço, enquanto seu mano, Set, o Malvadão, o odiava tanto que acabou matando-o e cortando-o em pedacinhos. É por isso que Osíris é conhecido como Deus dos Mortos. Costuma ser representado enrolado como uma múmia, com uma coroa bran-



ca, empunhando um cetro e um mangual, que é um instrumento para debulhar cereais.

Ísis — a superdeusa — ficou arrasada quando Osíris morreu. Com a ajuda do deus da medicina, Tot, deu um jeito de encontrar os pedaços do mano-marido amado e juntou todos eles de novo — fora os penduricalhos do meio das pernas. Mas ela era tão poderosa que deu um jeito de, mesmo assim, ter um filho com o amado marido morto. Ísis tinha chifres e um sol na cabeça, e um guarda-roupa de arrasar. Todo ano, organizavam-se grandes festas em sua homenagem. Era a deusa das colheitas. Cleo adorava se vestir igualzinho a Ísis.

Hórus era o filho de Ísis, por isso o pessoal dizia que ele era Osíris redivivo — quer dizer, que voltou à vida. Governava com a mãe. Também tinha cabeça de falcão. O pessoal o confundia com outro Hórus, o grande deus do céu, o que o tornava ainda mais poderoso.



Reis sem nome

Os antigos egípcios acreditavam que seus reis descendiam desses deuses. Claro, alguns sabiam que não era verdade e que seus reis eram homens comuns. Mas disfarçavam, dizendo que quando o rei recebia toda a sua tralha real, o espírito de Hórus baixava nele. A partir desse dia, ele se tornava sagrado — e tão sagrado que não podia mais ser chamado pelo nome. Passava a ser chamado de *per-a'a*, que deu origem a *faraó* e quer dizer “Casa Real”. É mais ou menos como se chamássemos o presidente da República de Palácio da Alvorada.

A consorte* do faraó, ou rainha, era a deusa Ísis. Em geral era uma irmã do rei!

Alexandre Magno

BOM, COMO É QUE VOU ME CHAMAR? ALEXANDRE, O GÊNIO? ALEXANDRE, O MÁXIMO? ALEXANDRE, O GOSTOSÃO? AH, JÁ SEI! ALEXANDRE MAGNO!



Depois de conquistar o Egito, Alexandre Magno (isto é, Alexandre, o Grande) foi consultar o oráculo do deus-sol egípcio, Rá. Os oráculos eram lugares onde se dizia que um deus falava e respondia perguntas. Em geral, ficavam em templos ou cavernas. Este ficava em Siwa, um oásis no deserto.

Consultar oráculos estava súper na moda, tanto na Grécia como no Egito. Era mais ou menos como, hoje em dia, consultar alguém que joga búzios ou lê tarô. Só que então a coisa era mais formal: a resposta era dada por um sacerdote, responsável pelo oráculo.

* Consorte não quer dizer “sortuda”, mas “que compartilha o poder com outro”. (N. T.)



Alexandre proclamou-se rei do Egito. Para comemorar, fundou uma nova cidade na foz do rio Nilo, que chamou de Alexandria. Não era nenhuma novidade. Ele deixava uma Alexandria em cada país que conquistava. Modesto, o carinha, não acha? Quando morreu, havia 29 cidades chamadas Alexandria!

A Alexandria do Egito é a mais famosa de todas. Mas o coitado do Alex não viveu para vê-la. Partiu para outra guerra e morreu quando a cidade estava sendo construída — uma senhora cidade, diga-se! Tinha avenidas enormes e largas, grandes edifícios públicos. Foi lá que Cleópatra cresceu, duzentos anos depois de Alexandre, quando a cidade contava centenas de milhares de habitantes originários do mundo todo. Era um porto movimentado, com um sem-número de comerciantes, lojas, diversões — e criminosos.

O MUSEU: era como uma universidade hoje. Tinha refeitório e alojamento para centenas de estudantes, salas de leitura e laboratórios.

A BIBLIOTECA: a maior e mais bem sortida do mundo. Fazia parte do Museu.

O GINÁSIO: não era só um local para esportes — era como uma escola.

O BRUCHEION:*
palácio real. Cleo,
seus irmãos e irmãs
cresceram aqui.

*Diga bruquêion. (N. T.)

O MERCADO: vendia tudo, de comida e roupas a maquiagem e brinquedos.

FAROL: uma das sete maravilhas do mundo antigo. Uma torre de mais de 120 m de altura bem na entrada da baía. Podia-se ver a luz do fogo aceso em seu topo a mais de 50 km de distância. Uma bomba hidráulica elevava o combustível para a chama.

O HEPTASTADION: passeio que levava da cidade à ilha de Faros.

A BAÍA: navios do mundo todo aportavam aqui, transportando tudo, de especiarias a soldados.



Depois de Alexandre

Alexandre Magno tinha apenas 33 anos quando morreu. Tinha conquistado praticamente tudo o que havia para conquistar. Todos os anos ele conduzia seus homens em meses de marcha, combates, e mais marchas em condições duríssimas. Chegou a marchar com seus homens até a Índia, passando pela cordilheira do Himalaia! Vai ver que morreu de cansaço.

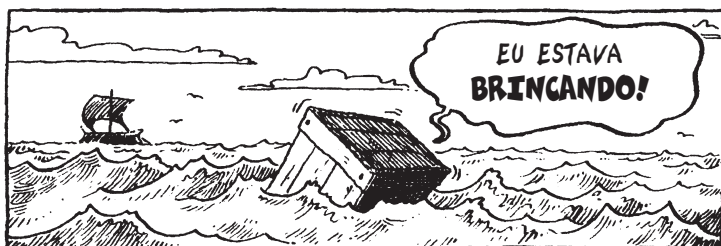
Quando ele morreu, todos os seus generais trataram de se apoderar de pedaços do seu gigantesco império. Ptolomeu, um general macedônio bom de briga, passou a mão no Egito.



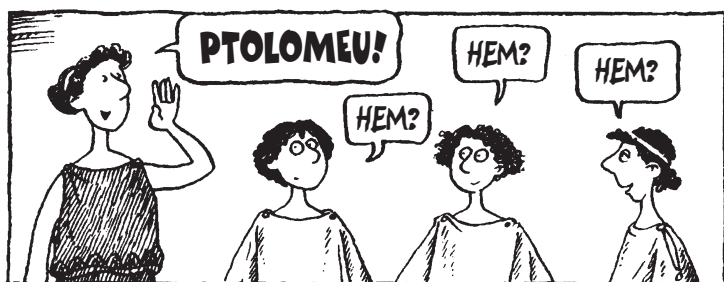
Ptolomeu e seus sucessores nunca se deram ao trabalho de aprender a língua dos egípcios, mas, como Alexandre, foram logo adotando a ideia de reis-deuses. O problema de ser um rei-deus é que não dava para se casar com uma mulher qualquer. Tinha de ser com uma rainha-deusa, e rainhas-deusas eles só podiam encontrar na sua própria família. De modo que, como os faraós antes deles, os Ptolomeus se casaram com suas irmãs.

Seus parentes gregos ficaram chocados com isso. Quando Ptolomeu II se casou com a irmã, um poeta grego chamado Sótades lhe disse que aquilo era uma indecência.

Ptolomeu II ficou uma fera. Meteu o poeta num caixote de madeira e jogou o caixote no mar.



Os Ptolomeus não só se casavam com suas irmãs, mas chamavam quase todos os seus filhos de Ptolomeu e quase todas as suas filhas de Cleópatra. Assim, volta e meia tinha um Ptolomeu se casando com uma Cleópatra, o que deve ter causado muita confusão em casa.



A Cleópatra que nos interessa aqui — a única famosa — tinha uma irmã mais velha chamada Cleópatra e dois irmãos mais novos chamados Ptolomeu, além de duas outras irmãs que *não* se chamavam Cleópatra. Achou complicado? E é mesmo!

Tudo em família

Os Ptolomeus se casavam com suas irmãs (ou, às vezes, com suas madrastas ou enteadas!) porque pensavam que essa era a melhor maneira de se garantir contra alguma

traição. Pois estavam redondamente enganados! O resultado desses casórios foi trazer o inimigo para dentro de casa. Irmãos e irmãs, mães e filhos, pais e filhas reinavam em conjunto, até se desentenderem — e sempre acabavam se desentendendo. Então, na maioria das vezes, a briga acabava em assassinato! Tinha sempre um Ptolomeu matando outro. E nossa Cleo não foi exceção.



Os primeiros Ptolomeus não admitiam desordens. Soldados durões, mantinham os egípcios na linha. Mas, com o passar do tempo, a vida no Egito os tornou gordos e preguiçosos. Um dos últimos Ptolomeus, Ptolomeu VIII, era tão gordo que precisava que dois criados, um de cada lado, o amparassem para poder andar.

Em 80 a.C., a mulher (e madrasta!) de outro Ptolomeu — Ptolomeu XI — morreu misteriosamente. Corria à boca miúda em Alexandria que ele a assassinara. Como já não gostavam muito dele, aquilo serviu de pretexto para que o matassem. Como não teve filhos, tiveram de procurar um novo rei. Escolheram o filho de um Ptolomeu anterior. O cara adotou o nome de Ptolomeu XII e se casou — adivinhe com quem? — com a irmã, Cleópatra.